

Apoio Socioeducativo: o Educador e a Autonomia do Educando

Social-Educational Support: Educator and the Educatee Autonomy

Jéssika Juliane Ferreira^a; Patrícia Alzira Proscêncio^{b*}

^aProvopar Londrina, PR, Brasil

^bFaculdade Norte Paranaense, Curso de Pedagogia, PR, Brasil

*E-mail: pproscencio@gmail.com

Resumo

Este artigo trata do desenvolvimento da autonomia de crianças e adolescentes em uma turma do projeto de apoio socioeducativo Viva Vida. Estabeleceu-se, como ponto de partida, o seguinte problema: segundo o olhar do educador social, como deve ser desenvolvida a autonomia do educando no dia-a-dia de um projeto social? E quais são suas ações nesse sentido? Desse modo, o objetivo geral procurou responder as questões acima e, especificamente, descrever o dia-a-dia de convivência no projeto, identificando o conceito de autonomia presente na fala dos educadores e compreendendo como estes têm contribuído com a formação das crianças e adolescentes atendidas pelo projeto social Viva Vida. Esse estudo de caso teve abordagem qualitativa. Inicialmente, realizou-se o levantamento bibliográfico e a análise de documentos referentes ao projeto para conhecer seus objetivos e propósitos, e entrevista com dois educadores e quatro observações das oficinas por eles ministradas para complementar a análise. Com a coleta e interpretação dos dados, considera-se que os educadores sociais têm desenvolvido a autonomia dos educandos durante suas oficinas, cada qual com sua metodologia. E ainda, o vínculo estabelecido entre educador-educando tem contribuído para desenvolver o respeito mútuo, solidariedade e compreensão da sua convivência com os demais, embora o contexto seja de grande vulnerabilidade. Espera-se que esta pesquisa possa proporcionar reflexões aos educadores sociais sobre o contexto em que atuam e a importância de seu papel no processo formativo do desenvolvimento da autonomia de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Desenvolvimento da Autonomia. Educador Social. Projetos Sociais. Apoio Sócio Educativo. Protagonismo.

Abstract

This study regards the development of the autonomy on children and teenagers in a group of the socio-educational project. As a starting point, the following problem was established: according to the social educator stand point, how the autonomy must be developed during the daily affairs of a social project? What are the actions taken toward it? Thus, the general objective aimed to answer these questions and specifically describe the daily life in the project, identifying the concept of autonomy emphasized by the educators and understand how they have been contributing with the development of children and teenagers supported by the social project. This study has a qualitative approach. A bibliographical research and documental analyses referring to the project to know its objectives and purposes has been done, followed by interview with two educators in order to accomplish the final analyses. The social educators have developed autonomy of the educatees during the workshops, each one with their own methodology. And yet, the link established between them (educator-educatee) has contributed to develop mutual respect, solidarity and comprehension of their living with the others present, although the great vulnerability of the context. It is intended that this research may help the discussion on how social educators work and the importance of their role throughout the development process of the educatee, and its importance on children and adolescents autonomy.

Keywords: Development of Autonomy. Social Educator. Social Project. Social-Educational Support. Protagonism.

1 Introdução

Este estudo teve como tema principal o apoio socioeducativo, focando o olhar do educador perante a autonomia do educando, no projeto Viva Vida, mantido pelo Provopar, no município de Londrina – PR.

O Viva Vida é um projeto vinculado à Educação Não Formal que, de acordo com Gohn (2006, p.28) “é aquela que se aprende no mundo da vida, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”. Em outras palavras, no projeto Viva Vida, a aprendizagem acontece por meio da troca de experiências, diálogo e vivência compartilhada entre os participantes, através da busca em desenvolver as expressões de cada indivíduo e, principalmente, articulando

com os educandos a melhoria de suas comunidades e do meio em que convivem.

Consideramos que profissionais da educação se empenham para que crianças e adolescentes busquem ser autônomos em suas ações, em sua aprendizagem. Neste caso, percebe-se que é necessário o profissional da educação saber lidar com o processo de desenvolvimento da autonomia, ajudando o educando a percebê-lo, bem como as suas potencialidades para agir conscientemente na sociedade em que habita.

A unidade do Projeto Viva Vida participante atende crianças e adolescentes de 6 a 12 anos de idade, originários de um contexto vulnerável: muitas passam por dificuldades financeiras, moram com parentes (tios, avós, entre outros) e grande parte das mães está em regime carcerário por motivo de envolvimento com tráfico de drogas. Sendo assim, essas

crianças geralmente moram somente com o pai, sendo que algumas delas sofrem ou já sofreram abusos de seus próprios familiares, tornando-se alvo de agressões domésticas.

Algumas delas não têm com quem ficar em suas casas e se encontram em situação de descaso, abandonadas nas ruas ou ainda tendo que cuidar dos irmãos mais novos, pois os pais trabalham o dia todo, têm outros afazeres, ou, ainda, não se preocupam com o bem-estar de seus filhos. Há inclusive, pais que são dependentes químicos e estão envolvidos em alto nível de criminalidade, por isso são atendidos por serviços prestados pela assistência social da Prefeitura do município.

Diante dessa situação, a pesquisa teve como objetivo verificar como os educadores sociais, que passam a ter função fundamental no processo educativo dessas crianças e adolescentes, têm contribuído para sua formação perante a comunidade em que eles estão inseridos. É importante ressaltar que no cotidiano do projeto social Viva Vida, uma palavra bastante utilizada, principalmente pelos educadores, é “protagonismo” ou “protagonista”. Essa palavra também será utilizada no decorrer deste estudo, e, toda vez em que ela aparecer, fará referência ao momento em que o educando começa a ser o protagonista ou autor da sua própria história de vida. Esse é um dos propósitos do projeto e dos educadores, que procuram fazer com que os educandos sejam conhecedores de seus direitos e possam exercer sua cidadania. Diante dessas ponderações, a pesquisa traz alguns questionamentos: até em que ponto um educando desta faixa etária pode descobrir-se autor de sua própria história? É neste sentido que buscamos entender como se desenvolve a autonomia de um educando no dia-a-dia de um projeto social, e como são desenvolvidas as ações socioeducativas com estes educandos.

Como ponto de partida para essa investigação, estabeleceu-se como problema de pesquisa a seguinte questão: segundo o olhar do educador social, como deve ser desenvolvida a autonomia do educando no dia-a-dia de um projeto social? E quais são suas ações nesse sentido?

Desse modo, o objetivo geral deste estudo procura responder estas questões e, especificamente, descrever o dia-a-dia de convivência no projeto, identificar o conceito de autonomia presente na fala dos educadores e compreender como eles têm contribuído com a formação das crianças e adolescentes que são atendidas pelo projeto social Viva Vida.

2 Material e Métodos

2.1 Descrição de um caminho investigativo

Este estudo é de natureza básica, de abordagem qualitativa, exploratória, e descritiva. Esta pesquisa objetivou a construção de conhecimento, direcionado para investigação e observação, com o intuito de descrever um fato observado no cotidiano do projeto em estudo.

Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca do tema para a construção do referencial teórico, analisando documentos referentes ao projeto social Viva Vida

para conhecer seus objetivos e propósitos.

Posteriormente, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada sobre as atividades que os educadores realizavam com os educandos no contexto de suas oficinas. Esse roteiro constituía-se em algumas perguntas bases, com a flexibilidade de acrescentar outras que fossem consideradas necessárias de acordo com a resposta dos entrevistados.

Após as entrevistas, foram realizadas quatro observações em cada oficina ministrada pelos educadores entrevistados na área de teatro e de capoeira.

Quanto à escolha da unidade e dos educadores que fizeram parte da pesquisa, foi intencional devido à participação da autora como assistente de coordenação. Ao longo do texto, o grupo será identificado como educadora A e educador B, preservando assim a sua identidade: a educadora A é graduanda em pedagogia e o educador B graduando em Educação Física.

3 Resultados e Discussão

3.1 Autonomia no processo educativo

Segundo La Belle (1982 *apud* GADOTTI, 2005, p.2), Educação Não Formal é “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população”. Na perspectiva da Educação Não Formal, o apoio socioeducativo é um serviço dirigido a crianças e adolescentes, em turno inverso ao da escola, onde são desenvolvidas atividades voltadas à garantia de direitos, promoção, proteção, desenvolvimento e socialização, tendo como intercomplementaridade, propostas de ações com a família, escola e comunidade. Neste sentido, os projetos de apoio socioeducativo buscam a construção de cidadãos críticos, em construção de sua autonomia que proporcionará ao indivíduo o gozo de sua liberdade.

Alguns autores discutem e apresentam o seu conceito sobre autonomia. Segundo Freire (1996, p.121) “a autonomia, enquanto amadurecimento do ser pra si é processo, é vir a ser. Não ocorre com data marcada”. Rocha (1931, p.68) define autonomia como: “liberdade de se governar por si próprio, independência”. Para Kamii (1993 *apud* MARQUES SOBRINHO, 1998), “significa levar em consideração os fatos relevantes para decidir agir da melhor forma para todos”.

Percebe-se que a autonomia é algo que virá como processo na vida de cada ser humano e que os espaços de apoio socioeducativo são locais com importante papel para o desenvolvimento dessa autonomia nos educandos. Fundamental para o desenvolvimento destes educandos, também é a liberdade, pois é perceptível na prática que as crianças precisam compreender que são seres livres, que podem ir e vir quando desejarem, porém reconhecendo a existência do outro, que possui os mesmos direitos e deveres e também é sujeito desta liberdade, e que isso deva ser considerado não somente enquanto são crianças, mas durante todo o decorrer de suas vidas.

A liberdade discutida por Paulo Freire (1980) em sua obra: Educação como prática da liberdade se baseia na construção do desenvolvimento do indivíduo, que prepara para uma formação democrática, buscando sempre a autoavaliação para que haja mudança de atitude e modificação em seus hábitos. A liberdade é regida pela autonomia que o educando constrói com o decorrer do processo de sua vida; a partir daí, o educador acaba se tornando um “colaborador” desta construção, pois pelos seus incentivos ele é o co-criador do desejo dessa liberdade no educando.

Neste sentido, Freire (1980, p.93) complementa:

Não há nada que contradiga e comprometa mais a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação.

Liberdade nasce no educando com o desejo da participação no meio em que ele convive, seja na escola, comunidade, igreja e entre outros. No entanto, o educando só terá este desejo de participação se houver um espaço, onde ele mesmo perceba a sua evolução, por isso que há a necessidade do diálogo entre educador e educando para a troca de informações sobre a busca do educando. A educação deve ser baseada em uma condição para o diálogo, onde a humildade deve ser o processo da construção destas experiências (FREIRE, 1980; 1996).

Nesse sentido, os trabalhos relacionados à liberdade com propósito de favorecer o desenvolvimento da autonomia devem ser feitos de tal forma que o próprio educando perceba que a mesma lhe é cedida. E que ele seja estimulado a refletir e analisar a maneira de como usufruir dela sem abusos. Freire (1996, p.93) enfatiza que: “o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações”.

Desse modo, a construção é coletiva. Só serão alcançados resultados com a colaboração de ambas as partes; de fato a total responsabilidade para se chegar até o resultado não é somente do educador, mas também do educando, que precisa entender e/ou perceber que ele é a chave principal para a concretização deste processo. É necessário intimidade e cumplicidade fraterna para conquistar a confiança neste processo, pois o maior dependente deste resultado é o educando (FREIRE, 1996).

O educador deve ter clareza que educação não é transmissão de conhecimento, mas construção, e que ele é o mediador nesse processo.

Assim, o educando não será um dependente da ação do educador, mas um construtor de ações que lhe trará responsabilidade em estar ali e fazer parte daquele grupo, pois é de suma importância que o educando reconheça que ele faz parte daquele grupo e que suas experiências contribuem para seu crescimento e da comunidade (FREIRE, 1996). É este sentimento que fará dele um “idealizador” de uma comunidade que compartilha e compreenderá que vive realmente em comum-idade.

A autonomia se constrói com as experiências vividas,

decisões tomadas e com a cooperação consigo próprio, pois Freire (1996, p.107) aponta que “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém”. Neste caminho de construção da autonomia, ela trará consigo a responsabilidade, amadurecimento e experiências vivenciadas com a liberdade. A autonomia se constrói a passos largos e lentos, podendo ser alcançada pelo sujeito através da determinação e da sensibilização daquele que faz a releitura da vida do indivíduo e o transpõe para dentro daquilo que é passível de haver mudança.

Para Vasconcellos e Brito (2006, p.49) autonomia significa

Um processo gradativo de amadurecimento, que ocorre durante toda a vida, proporcionando ao indivíduo a capacidade de discernir e, ao mesmo tempo, de arcar com as consequências dessa decisão, assumindo, portanto, responsabilidades.

Com base nesse conceito de autonomia, o educando precisa se sentir dentro deste processo de evolução da sociedade, compreendendo que ele faz parte deste meio que o rodeia, para assumir este papel de um adulto responsável por suas decisões. Por isso, é necessário que haja um favorecimento deste processo, onde ele compreenda o seu amadurecimento, suas capacidades e empenhos. A autonomia faz do indivíduo um ser mais confiante em suas ações, um ser que não pensa somente em si próprio, mas em um coletivo, alguém que busca realização de metas e sonhos, e a construção de um mundo melhor para si e para todos.

3.2 Análise das entrevistas

De acordo com o referencial teórico, o desenvolvimento da autonomia no educando é ponto fundamental em um processo de Educação Não Formal, mais precisamente em um projeto socioeducativo. Segundo Freire (1996, p.121), “a autonomia, enquanto amadurecimento do ser pra si é processo, é vir a ser. Não ocorre com data marcada”. Portanto, para tornar-se um adulto responsável, crítico, autônomo, sujeito pensante e reflexivo, faz-se necessário conduzir esse caminho de construção desde quando se é criança, depois adolescente, sendo essa uma construção para sua vida futura. Diante disso, procuramos compreender qual a concepção de autonomia que os educadores entrevistados possuem, pois eles são fundamentais para esse processo de construção dos educandos.

Em sua fala, a educadora A relaciona o conceito de autonomia com processo de autoconhecimento e de consciência do que é certo ou errado: “entendo que a partir do momento que eu me conheço, conheço as minhas qualidades e também debilidades, diante disso posso fazer as minhas próprias escolhas e arcar com as consequências. Respeitando os limites dos outros e suas qualidades”.

Acrescentamos que acreditamos neste processo, pois a realidade do projeto social busca trabalhar com os educandos para que tenham condições de fazer escolhas, porém deixando claro a necessidade de serem responsáveis para arcar com suas decisões, fazendo com que aprendam a serem críticos diante

de suas escolhas e refletindo nas consequências.

O educador B foi bastante sucinto em sua resposta, ao mencionar que entende como autonomia: “capacidade de agir por conta própria”. Talvez, em nosso ponto de vista, tenha deixado de mencionar algo bastante importante que seria não só a capacidade de agir por conta própria, mas o entendimento e a consciência sobre os seus atos. De acordo com isso, passamos a entender que o desenvolvimento da autonomia é fundamental para o futuro destas crianças, pois a autonomia não surge de uma hora para outra, é um processo de avanços e retrocessos, nos quais educando e educador buscam a superação a cada dia. São as situações do dia-a-dia e o companheirismo que irão dar suporte para propiciar este desenvolvimento. Vemos que o que os educadores concebem como autonomia está de acordo com a literatura pesquisada, porém falta um aprofundamento deste conceito.

Procuramos estabelecer relações com possíveis ações por parte dos educadores, que pudessem contribuir para o desenvolvimento da autonomia no educando em seu cotidiano. Uma dessas ações seria a compreensão do que é o exercício de liberdade e como essa poderia auxiliar na construção da autonomia do educando. De acordo com Freire (1996, p.93), “o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações”. Neste sentido, em busca da compreensão da ação dos educadores para o desenvolvimento da autonomia dos educandos no dia a dia do projeto, partimos para outra questão: Em suas ações durante as oficinas, de que forma você considera estar contribuindo para o desenvolvimento da autonomia dos seus educandos? Cite exemplos.

Verificamos que os educadores criam oportunidades para que os educandos possam se expressar, participar da elaboração das atividades e refletir sobre elas, fato esse confirmado durante as observações das oficinas. Como afirma a Educadora A: “a partir do momento que eu abro para eles fazerem a construção da oficina juntamente comigo, quando eles me questionam sem medo de perder ou não ser aceito, são os momentos que eles são eles mesmos”. A Educadora A acrescentou que no trabalho do dia a dia, em todos os momentos que os educandos fazem algum tipo de comentário, ou até mesmo uma sugestão ou crítica, os educadores, juntamente com a equipe de coordenação, abrem o assunto para a discussão. Buscam desenvolvê-lo de modo que todos venham a ter compreensão sobre aquilo que foi trazido à tona, e possam manifestar suas opiniões e elaborar suas próprias conclusões. Essa é uma ação em que se torna visível dentro do projeto social: momentos para que os educandos possam dialogar e participar da tomada de decisões, refletir e expressar suas opiniões, e por fim, desenvolver pouco a pouco, dia após dia sua autonomia.

O Educador B também utiliza bastante, em sua prática, “das rodas de conversa” como meio de motivar a expressão e reflexão, como podemos observar em sua fala:

através dos seguintes meios: roda de conversa onde citamos algumas experiências e a partir delas uma reflexão a fim de que possamos aprender com aquilo. Na musicalidade onde eles podem tocar todos os instrumentos, porém eles são livres para tocar qual quiser em outro momento. Nas acrobacias onde o educando desenvolve melhor um momento e outro aluno desenvolve outro, e assim por diante. Na hora da apresentação apenas adéquo os movimentos nos momentos certos e assim, pois são várias possibilidades.

Neste sentido, é importante que o educador possa ouvir o educando, suas angústias e necessidades, cuja escuta fará sentido na vida do educando durante seu desenvolvimento, pois alguém caminha neste processo com ele, depositando um grau de confiança e importância no meio em que ele vive, podendo orientá-lo em diversas ocasiões. Assim, o educando entenderá que ele é o elemento fundamental neste processo, e o que ele diz ao educador tem grande valia no momento em que o educador está elaborando este procedimento.

Acrescentamos que possivelmente haveria outras formas de desenvolver a autonomia destes educandos, como por exemplo, instigá-los a conhecer a sua própria história, e, como sabemos que desenvolvem temas geradores, pensamos até que isso deve ser realizado dentro do projeto. Em alguns momentos, os educadores conseguem proporcionar estes tipos de ações, mas sabemos que é necessária muita cautela, uma vez que os educandos têm histórias de vidas bem diferentes umas das outras e isso faz com que eles se sintam menosprezados em alguns momentos devido às suas vulnerabilidades. Desenvolvendo temas geradores, conseguimos, por exemplo, resgatar a identidade do educando em forma de diálogo, para que ele busque dentro de si e demonstre suas angústias, sensações, e alternativas de novos caminhos para uma nova ação em sua vida.

De acordo com a vivência da pesquisadora, consideramos que as ações dos educadores sobre os educandos são, na maioria das vezes, bem sucedidas, pois eles conseguem realizar o processo e depois detectar o quanto eles progrediram. Apesar de os educadores trabalharem uma perspectiva positiva de avanço no momento da atividade, em alguns momentos o olhar pedagógico fica a desejar, por exemplo, quando algum educador se recorda do lado negativo do educando durante a atividade, fato também observado na realização das oficinas. Outro fator importante a ser mencionado são os momentos de autoavaliação propiciados aos educando após as atividades, quando em uma roda de conversa a turma se reúne para analisar os acontecimentos e as propostas de atividades realizadas. Ou ainda, quando a coordenação questiona as circunstâncias em que o educando está privado em realizar algo que ele deseje e que não lhe foi permitido.

Eles aproveitam este espaço para falar algo sobre sua vida, o que fizeram no fim de semana, ou algo diferente que tenha acontecido. Também falam do outro, apontam o que o outro educando fez, deixando de avaliar o que ele mesmo fez. Como exemplo, as situações nas quais o educando faz algo fora das regras estabelecidas, e os demais educandos o

expõe perante os outros.

O papel do educador é de conselheiro e monitor, que procura estabelecer o diálogo entre ele e o educando, como mediador, estimulando a consciência crítica do educando, bem como o fortalecimento desta relação educador-educando.

Enfim, o educador social precisa estar atento para a realidade em que o grupo com o qual trabalha está inserido. Neste sentido, Freire (1996, p.81) afirma que: “Como educador preciso de ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que seu é parte”.

Na sequência, indagamos os educadores sobre as diferentes personalidades dos educandos, relacionando-se em um mesmo espaço, e como isso é enfrentado por eles no seu cotidiano.

A Educadora A fala sobre a importância de perceber e de conhecer os educandos para que possa compreendê-los e identificar qual a melhor maneira de ser ouvida, e conseguir fazer com que os educandos sintam confiança nos educadores para que possam ter um melhor desenvolvimento. Segundo ela: “é um grande desafio! [...] devo ter uma grande percepção para compreender e fazer uma releitura rápida de cada educando”.

O Educador B afirma que sempre inicia o trabalho “passando para os educandos o que será trabalhado, os lembro do contexto em que estamos inseridos. Várias vezes eu falo que um dos princípios da convivência é a partilha do que é material ou imaterial, um exemplo é a emoção, mesmo com diferenças todos se adaptam e o trabalho rende”.

Ambas as falas se completam, pois o Educador B aponta que, apesar das diferenças, elas sempre se adaptam, portanto devemos levar em consideração que esta diversidade de diferenças é um sinal de personalidades que buscam se encontrar por que sempre aprendemos com o outro, os indivíduos sempre tem algo a transmitir e algo a aprender, isto é um trabalho de compreensão e de realizações.

Segundo Gohn (2006, p.29) “[...] o grande educador é o ‘outro’, aquele com quem interagimos ou nos integramos”. Mencionamos em nosso referencial teórico que o educador social não é o sujeito protagonista desta educação, ele é tratado apenas como o outro que vivencia.

De acordo com as impressões e informações adquiridas durante a entrevista, verificamos que a Educadora A tem trabalhado de uma forma mais ampla, buscando uma percepção geral do grupo para compreender a personalidade de cada educando em sua totalidade. Já o Educador B procura a resposta para a atitude do educando individualmente e como ele partilha suas vivências e emoções. Ele acredita que, percebendo as diferenças individuais, ele poderá auxiliar para que um encontre o seu papel dentro do grupo, posteriormente na comunidade e por consequência no mundo em que vive. Nessas situações, provavelmente, ambos vivenciam o desenvolvimento da autonomia, mas cada Educador faz de uma maneira diferente dentro do grupo. Isso foi percebido

durante as observações, pois diagnosticamos que cada um trabalha com a autonomia de forma diversificada, mas às vezes não contempla por inteiro o processo, ou seja, o contexto do qual ele é proveniente. Porém, ressaltamos que, para atingir este processo por completo, o educador deve ter um olhar avaliativo e formativo. O papel do educador social é trabalhar com diversas estratégias metodológicas e com temas geradores, mas é de suma importância que ele conheça a realidade com a qual está atuando.

Nessa perspectiva, questionamos aos educadores em que o protagonismo influencia na formação destes educandos.

A Educadora A aponta que “o protagonismo é onde os educandos são levados a serem autores de sua própria história. E quando se fala de autonomia, não podemos esquecer que todos nós precisamos um dos outros, então precisamos nos relacionar e cultivar uma relação. O educador deve deixar bem claro o que é autonomia e o que é protagonismo, para que o processo com os educandos seja aproveitado”.

Concordamos com a Educadora A quando afirma que no protagonismo os educandos são chamados a serem autores de suas próprias histórias, e que um protagonista necessita de um “coadjuvante”, ou seja, o outro. Isso faz com que aconteçam as relações, pois é a partir do conhecimento do seu “EU” e por meio da interação com o outro é que é possível cultivar, ou não essa relação. Neste sentido, o protagonismo abre o espaço para a autoconfiança do educando, pois desta maneira ele poderá olhar para os educadores e perceber que estes também acreditam no potencial que existe neles, e isso servirá de motivação para o educando.

O Educador B bem coloca que “o protagonismo abre espaço para a autoconfiança, mostra que esperamos algo de bom do educando que precisa desse espaço para que ele mostre seu valor”. Acrescentamos que o protagonismo direciona o indivíduo para que busque e assuma o seu papel em seu aprendizado, fazendo com que ele seja o autor de sua história. Neste sentido, sabe-se que todos os seres humanos precisam um do outro e, neste processo de interação, o relacionamento entre o educador e educando caminha para o estabelecimento da confiança e cooperação mútua.

É fundamental conscientizar os educandos sobre o real conceito de liberdade, afirmando que todos têm direito de usufruir dela, porém é necessário compreender que os limites e que todos ao seu redor também usufruem desta liberdade no mesmo grau de direitos e deveres. E ainda, que saber usufruir dessa liberdade é parte do processo de construção de sua autonomia. Sobre isso, Freire (1996, p.93) revela que: “o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações”. Acredita-se que uma vez já vivenciada em pequenas ações, quando o educando almejar a liberdade, ele saberá que a conquista da liberdade dependerá da sua ação, e perceberá que todo o processo alcançado não foi atingido de forma imediata, mas sim de uma conquista a cada ação, a cada pensamento.

Com isso, pedimos aos educadores que nos deixassem uma mensagem ao final da entrevista, para perceber, por meio de palavras, quais seriam as expectativas dos educadores na vida dos educandos. Se eles, enquanto educadores, acreditam que seu trabalho tem de alguma forma, contribuído nas ações dos educandos, ou se os próprios educadores acreditam que podem contribuir para a transformação da vida destes indivíduos.

A mensagem deixada pela Educadora A foi: “nenhum de nós é tão bom, quanto todos nós juntos”.

E o Educador B pontuou: “utilize a liberdade da melhor maneira possível buscando conhecimento, saúde e paz respeitando os próprios limites a fim de manter-se sempre um ser autônomo e respeitado”.

A educadora A mostra-se acreditar que a autonomia vem do princípio de trabalhar em grupo, o que parece claro quando ela usa a frase no individual e depois a transforma no coletivo. Porém, temos que considerar que isto acontece através da mediação do agir como um conselheiro e orientador na relação com o educando. Fazendo também a experiência das trocas pela fala, que poderão ser sobre suas vidas, a comunidade de seu grupo escolar, sonhos, desejos, e suas vivências, onde eles possam, em conjunto, aprender e avaliar sobre este aprendizado. Já o educador B parte da compreensão do conceito de liberdade do próprio indivíduo, ou seja, ele acredita que tudo parte do princípio do autoconhecimento do educando para buscar dentro de si a autonomia, dando os frutos do conhecimento e da liberdade.

Desse modo, consideramos que ambos acreditam que o trabalho em grupo é fundamental para o conhecimento de si, isso faz com que o educando se conheça e respeite o seus limites, e como deverá fazer com os indivíduos que convivem com ele.

Freire afirma que: “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” (1996, p.107). Observamos que autonomia constrói as decisões, os atos, e cooperação consigo próprio, portanto questionamos os educadores por que eles consideram isso importante na formação do educando.

Em sua resposta, a Educadora A diz que acha “que é para formar um cidadão, pois será um momento de reconstrução da história, dos desejos. Com esta formação, os educandos serão capazes de ver, julgar e agir”. O Educador B afirma que “para que quando ele chegar à fase adulta ele tenha conhecimentos para saber o que é bom ou não, e fazer melhores escolhas”.

Nesta fala, os dois educadores apontaram a importância do desenvolvimento da autonomia para o futuro destas crianças e adolescentes. A partir do momento em que o educando tem esta formação, ele poderá fazer escolhas que o auxiliará em seu futuro. Portanto, a expectativa dos educadores é que seus educandos sejam, no futuro, capazes de olhar as suas histórias e avaliá-las, agir sobre elas e transformá-las, para que façam suas melhores escolhas.

Percebemos durante o estudo que as preocupações dos educadores são relacionadas principalmente à formação

humana de cada educando. Isso é bastante visível nos momentos em que lhes é possibilitado esse espaço do projeto para falar e para serem ouvidos, onde possam viver coisas diferentes de suas realidades, fornecendo momentos de convivência com outras crianças e adolescentes, os tornando mais críticos, participativos e formadores de suas opiniões.

Portanto, consideramos que esta análise tenha contribuído com a discussão nos ajudando a diagnosticar o conceito de autonomia que os educadores têm e o que eles consideram como construção da autonomia destes educandos. Mas não podemos deixar de mencionar que os resultados são muito restritos a esse contexto de pesquisa, no qual foram analisados dois educadores atuantes em apenas uma das unidades desse projeto social. Os dados aqui coletados dizem respeito apenas a essa localidade e que porventura se fosse estudado outro contexto, com outros educadores e educandos, a realidade encontrada poderia ser outra, visto que os espaços, conhecimentos e vivências tanto dos educadores quanto dos educandos, por mais similaridades que apresentem, são variáveis. Nesse sentido, esta pesquisa pode ser reproduzida em outros contextos, e/ou ainda ser um ponto de partida para outras pesquisas vindouras que complementem os aspectos e interesses aqui ressaltados. Como exemplo, a importância da formação acadêmica destes educadores, ou o ambiente em que eles exercem seus papéis, considerando sempre a necessidade do olhar sensível e investigador sobre aquela comunidade na qual atuam.

Sendo assim, podemos dizer que a Educação Não Formal se dá por meio de projetos sociais, cursos, palestras, capacitações com profissionais do ramo com o intuito de contribuir com os indivíduos que dela fazem parte, na garantia de seus direitos. Também na orientação, principalmente daqueles que se encontra em situação de vulnerabilidade, auxiliando-os a procurar formas para progredir em suas vidas. O ensino da Educação Não Formal deve ter uma intencionalidade estabelecida em ação coletiva para que contribua com toda a sociedade, no sentido de contribuir com a comunidade em que o indivíduo se situa, ou até mesmo em seu próprio benefício. Portanto, as ações devem ser organizadas e planejadas, mesmo não sendo necessário, nessa modalidade educacional, o cumprimento de conteúdos da maneira como se é exigido no ensino formal.

Os conteúdos são em forma de temas geradores, ou seja, são desenvolvidos com base em assuntos relevantes aos indivíduos que contribuíram com a vinculação dos mesmos dentro de um grupo. O educador deve partir da realidade do educando para que haja uma motivação e interesse pelo tema. Consideramos, de acordo com a própria vivência no contexto da Educação Não Formal e com a visão agora ampliada após as observações realizadas, que os educadores sociais são fundamentais no processo formativo dos educandos, devido a sua atuação direta com estes indivíduos.

Em sua prática pedagógica, o educador social é chamado a ser o mediador, aquele que auxilia e contribui nas trocas

de experiências juntamente com a comunidade buscando a construção dos saberes coletivamente. Nesse contexto, devido às características de vulnerabilidade em que a maioria dos educandos se encontra, os mesmos precisam sentir-se acolhidos pelo educador.

Portanto, o trabalho realizado dentro dos espaços de Educação Não Formal deve buscar formar seres autônomos e críticos, que compreendam seus limites e percebam seus processos de evolução. Neste sentido, a autonomia não acontecerá de um dia para o outro, ela será construída em um processo onde o educando descobrirá seus desejos e vontades, desenvolvendo sua liberdade. Importante também é ressaltar a compreensão da existência do outro que também tem desejos e vontades como ele. O educador, neste processo, é “colaborador” desta construção, que fará com que nasça no educando o desejo de participação ativa no meio em que ele convive.

Dentro deste processo, a relação educador - educando consiste em uma relação aberta, visando contribuir para o bem estar de ambas as partes, onde o educador assume papel de conselheiro, aquele que estabelece o diálogo, visando o fortalecimento da relação e da consciência crítica. O educador precisa dar valor aquilo que o educando traz como conhecimento prévio e vivência: seus desejos, seus sonhos e angústias, para que ele perceba que não está sozinho, e que nada é imutável, mas que pode haver uma transformação na situação na qual ele se encontra hoje. O olhar de afeto e de cumplicidade contribuirá para que exista um processo harmônico entre estes indivíduos. Além disso, os momentos em que o educador propicia para que o educando manifeste sua visão de mundo, momentos nos quais expressam muitas vezes suas carências, concordâncias e discordâncias em relação ao meio em que ele vive.

A expressão por meio do corpo, da verbalização, das artes e movimento nas oficinas são exemplos das ações realizadas pelos educadores em seu dia-a-dia, que contribuem para o desenvolvimento da percepção de si, do seu corpo, do outro, do espaço que o rodeia e conseqüentemente para o desenvolvimento da sua autonomia.

4 Conclusão

Este estudo teve como propósito abordar o tema o desenvolvimento da autonomia do educando sob o olhar do educador. A Educação Não Formal busca englobar os indivíduos em uma sociedade civil para que eles sejam cidadãos participativos e atuantes na sociedade em que vivem. Desse modo, eles terão a oportunidade de conhecer seus direitos, bem como seus deveres, fazendo com que exista uma relação de proximidade e solidariedade entre eles, dentro da comunidade.

Constatamos que na realidade à qual estes educandos estão expostos, o simples fato de ter um lugar (projeto) com pessoas disponíveis para escutá-los (educadores) e propor atividades, já faz uma enorme diferença, visto que toda a equipe tem se

colocado a disposição destas crianças e adolescentes, visando seu bem estar. Ambos os educadores têm realizado em suas práticas o desenvolvimento da autonomia destes indivíduos, considerando que a Educadora A, por estar graduando o curso de pedagogia, tem buscado reforçar a ação pedagógica ao lidar com estas crianças.

Pelas observações realizadas durante o estudo, percebemos que de um lado a educadora A tem nas suas práticas um olhar mais acolhedor e sensível, e de outro o educador B tem um olhar de acolhimento, porém prioriza a disciplina. Talvez lhe falte uma compreensão mais “pedagogizada” para lidar com as situações criadas pelos educandos. Mas isso não significa que estes educadores não tenham fornecido um espaço para que eles verbalizem sobre qualquer assunto, desenvolvendo assim sua autonomia, fazendo com que eles exerçam sua liberdade de expressão. As ações destes educadores têm realizado um exercício de prática com a liberdade, pois os educandos têm reconhecido o contexto no qual estão inseridos e isso tem contribuído com a construção desta autonomia.

Percebemos, de certo modo, uma situação de equilíbrio entre a sensibilidade da educadora A com a severidade do educador B. Concordamos também que os educandos ainda precisam compreender que “não podem fazer tudo o que querem, na hora que querem”, pois isso não é autonomia. E quanto a isso, percebemos que as próprias condições do contexto em que vivem dificultam esse processo. Muitas vezes, eles vivem fora dali numa situação em que os familiares não estabelecem limites e regras de convivência em casa e fora dela. Talvez por isso, quando o educador B age de forma mais rígida, tentando impor limites, é o momento em que são gerados os conflitos. Mas, avaliando todo o período em que a pesquisadora ingressou em suas atividades profissionais, podemos afirmar que tem sido fortalecido o processo de respeito, solidariedade, compreensão com eles próprios e com os demais que estão em seu convívio.

Por fim, acreditamos que exista, na Educação Não Formal, o que mencionamos neste trabalho: a relação de respeito, solidariedade, compreensão, direitos, deveres, e protagonismo, e que os educadores demonstram em suas práticas a importância do desenvolvimento da autonomia, para que haja uma progressão para a liberdade.

Mais uma vez, afirmamos que este trabalho apenas abre as portas para que outros interessados pelo tema também venham a estudá-lo e discuti-lo.

Referências

- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GOHN, M.G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Revista Ensaio: Avaliação Política Pública Educacional*, v.14, n.50, p.27-38, 2006.

GADOTTI, M. *A questão da Educação formal/não formal*. 2005. Disponível em: <http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491It003Ps002/Educacao_formal_ao_formal_2005.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2013.

MARQUES SOBRINHO, A. *O caráter ambíguo da disciplina escolar: por uma pedagogia da autonomia*. 1998. Disponível em:

<<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABQgIAH/carater-ambiguo-disciplina-escolar-por-pedagogia-autonomia>>. Acesso em 28 mar. 2013.

ROCHA, R. *Minidicionário*. São Paulo: Scipione, 1931.

VASCONCELOS, M.L.; BRITO M.C. *Conceitos de educação em Paulo Freire*. Petrópolis: Vozes, 2006.